

À DESCOBERTA...

DO PATRIMÓNIO EDIFICADO

DE SANTIAGO DO CACÉM

OBJETIVOS GERAIS

Pretende-se com este dossiê proporcionar o conhecimento do património edificado da cidade de Santiago do Cacém aos alunos dos 3.º e 4.º anos do Ensino Básico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Contactar com documentos de natureza histórica e bibliográfica.
2. Compreender que cada documento contém informações sobre um ou mais factos concretos.
3. Aprender a extrair informação dos documentos.
4. Perceber que nem toda a informação tem a mesma relevância.
5. Aprender a relacionar a informação proveniente de vários documentos.
6. Entender que a cidade evoluiu ao longo dos anos.

CASTELO DE SANTIAGO DO CACÉM

Desconhece-se a data da fundação do castelo de Santiago do Cacém; no entanto, parece ter sido ocupado na época islâmica. Em 1186, foi conquistado definitivamente pelos cavaleiros da Ordem de Santiago e doado a esta Ordem Religiosa-Militar.

Entre 1310 e 1336, foi pertença de D. Vetácia Lascaris, uma nobre bizantina que fora ama e camareira-mor da infanta D. Constança, filha de D. Dinis e D. Isabel, a rainha Santa. Depois de 1336, regressou à posse da Ordem de Santiago.

A partir do séc. XVI, o castelo perdeu a sua função defensiva e entrou em declínio. Funciona como cemitério desde 1838.

O castelo, tal como o conhecemos, é composto por cinco torres e quatro cubelos e é rodeado pela barbacã. A sua forma resulta da reconstrução de que foi alvo nos anos 30 do séc. XX. Em 1910, foi considerado monumento nacional.



Pormenor das muralhas, torres e barbacã do Castelo
(fotografia: José Matias, 2002, CMSC).



Heráldica sobre a porta do Castelo (fotografia: José Matias, 2001, CMSC)

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM E CADEIA COMARCÃ



Edifício dos Paços do Concelho, ed. Francisco Duarte, finais da década 20 do Séc. XX.
PT/AMSC/Col.B/14

Vista da antiga Cadeia e Edifício da Câmara Municipal.
Postal ilustrado, ed. Carretas (fotografia: Hidalgo Vilhena,
Início do Séc. XX.). PT/AMSC/Post./Col.C/1

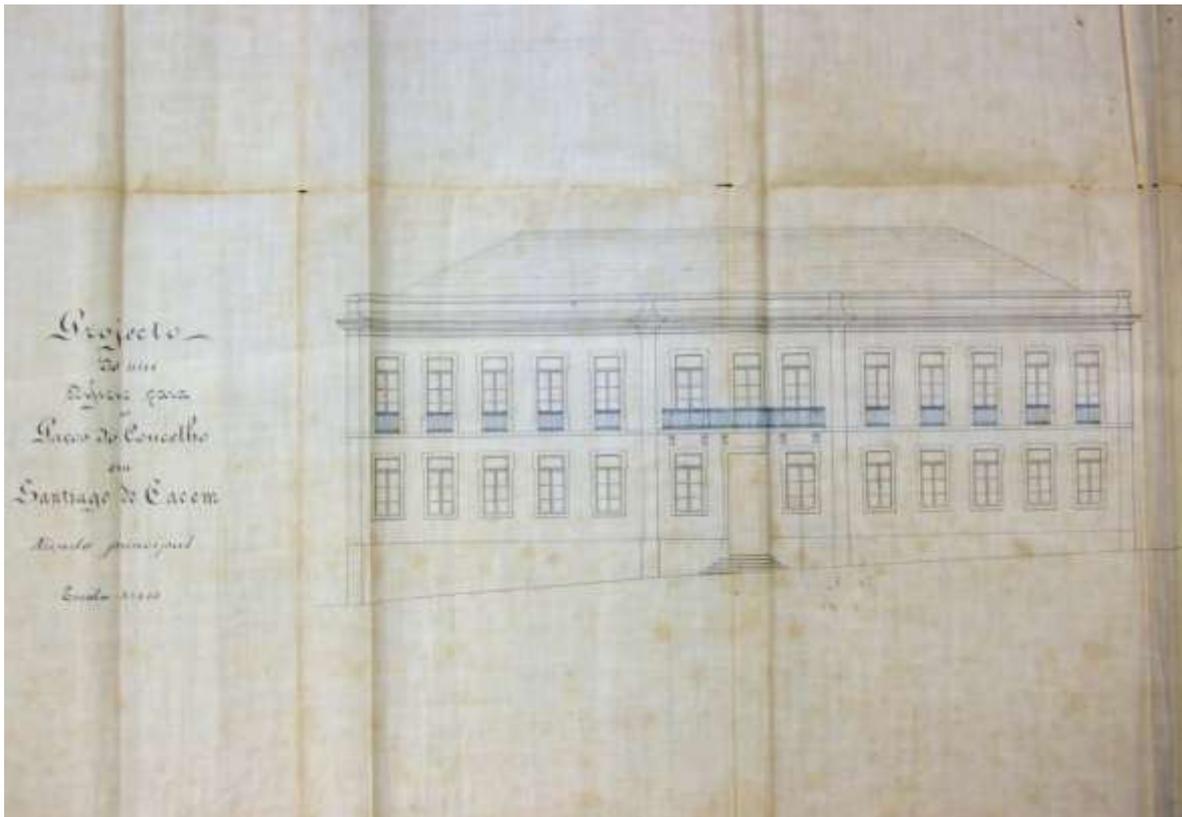
Em sessão de 1 de outubro de 1879, a Câmara Municipal autorizava o presidente, Manuel António da Costa, a solicitar, a Jorge Artur Schiappa Monteiro, condutor de obras públicas do distrito, a elaboração da planta do edifício destinado a Paços do Concelho, Tribunal Judicial, Cadeia Comarcã e demais repartições. O projeto viria a ser aprovado em reunião de câmara de 2 de junho de 1880 e confirmado por decreto-lei de 7 de abril de 1881.

A direção da obra coube a António Lourenço da Silveira, engenheiro-chefe de obras públicas, que, logo após a aceitação do cargo, propôs alterações ao referido projeto, como forma de obviar alguns erros de arquitetura. Parte dessas modificações foram

aprovadas em sessão de 28 de novembro de 1881. No ano seguinte, após a expropriação amigável do terreno pertencente ao Conde de Avillez, iniciou-se a construção da cadeia.

Em 1883, eram evidentes as dificuldades económicas do município santiaguense. Do empréstimo contraído, em 1881, à Companhia de Crédito Predial Português, no valor de 27:990\$000 réis, restavam 180 obrigações municipais, cerca de 15:300\$000 réis, sendo ainda necessários à conclusão do cárcere 2:500\$000 réis. Os munícipes estavam sobrecarregados de contribuições e a continuação da obra segundo o projeto primitivo exigia a contração de um novo crédito, o que não convinha aos superiores interesses da edilidade. Assim, em 11 de agosto de 1883, a câmara deliberava construir apenas um edifício destinado a tribunal judicial, na praça situada em frente à cadeia. Porém, a opção não agradou à população, pois tornava a praça exígua e disforme. Como argumentava o vereador Duarte, em sessão de 24 de outubro desse mesmo ano, os Paços do Concelho deveriam ser construídos nos terrenos onde se encontravam construídas as casas de Inácio Maria Pereira, António Pereira Feliciano e Adelino Augusto Penedo. A proposta foi aceite por unanimidade.

Expropriaram-se, então, novos terrenos e procurou-se um empregado especializado para levantar planta do novo edifício, com a colaboração do Eng.º António Lourenço da Silveira, cuja proposta para dirigir tão grandiosa tarefa foi aceite em 24 de fevereiro 1885. Seguindo a sugestão do dito engenheiro, contratou-se Ernesto da Maya, condutor de obras públicas do distrito, para copiar os desenhos. E, em agosto desse ano, a Câmara Municipal deliberava mandar anunciar a arrematação das cantarias, da cal, do tijolo e da areia e a condução desses materiais para o lugar onde surgiria o Paço, que desde 1900 é palco das decisões do poder local.



Planta do alçado principal do edifício destinado a Paços do Concelho. s.d. PT/AMSC/AL/CMSC/A-A/001-001

CASA VERDE

A casa verde foi construída no século XIX, tendo a sua magnífica fachada de azulejos de padrão verde – *ARTE DECO* sido colocada no século seguinte. A fachada desta casa de habitação reflete o gosto da época, sendo que os azulejos foram produzidos na antiga Fábrica de Cerâmica de Sacavém.



Fachada da **Casa Verde** (fotografia: José Matias, 2001, CMSC)

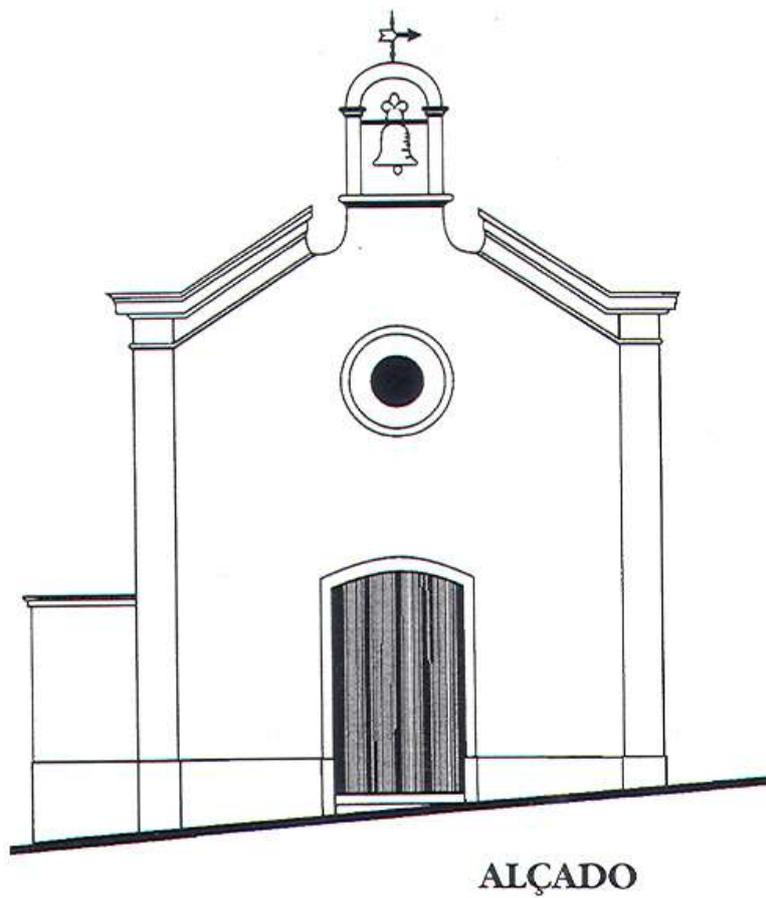
CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

A capela de Santo António foi construída no final do séc. XVII e era de pequenas dimensões. Na sua capela-mor, estava sepultado o seu fundador, João de Moura Brito, cuja lápide sepulcral foi deslocada para o cemitério da cidade em 1931.

A referida capela de Santo António foi cedida à Câmara Municipal em 1930. Depois, foi demolida e no seu lugar foram construídos a Sede e o Quartel dos Bombeiros Voluntários, cujo projeto é da autoria do arquiteto Rafael de Castro.



Antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Santiago do Cacém (fotografia: José Matias, 2001, CMSC)



Planta do alçado principal da capela de Santo António, *in Património Edificado de Santiago do Cacém – Breve Inventário*, 2001.

CASA ALDA GUERREIRO

A Casa onde viveu Alda Guerreiro situa-se na rua Dr. Francisco Beja da Costa e é muito antiga.

Alda Guerreiro (n.1878- †1943) foi uma importante pedagoga e poetisa de fortes ideais republicanos. Fundou a Escola Liberal de Santiago do Cacém e ao mesmo tempo mantinha em sua casa a “Escola Livre”.

Na sua casa, funcionou igualmente uma escola de ensino artístico e de bordados. Nesta casa cheia de história, viveu também o pintor Manuel Espírito Santo Guerreiro, pai de Alda Guerreiro e de Rafaela Guerreiro de Andrade, esposa de António Manuel Freire de Andrade, farmacêutico e um dos fundadores da comissão concelhia do partido republicano português.

Manuel Espírito Santo Guerreiro era natural de Castro Verde e foi aluno da academia de pintura, onde ingressou em 1866. A sua obra artística recebeu diversas menções honrosas nas exposições a que concorreu. Em Santiago do Cacém, ocupou vários cargos públicos, tais como: presidente, vice-presidente e vereador da Câmara Municipal, provedor da Santa Casa da Misericórdia, substituto do juiz de direito, e diretor da Música e do Teatro Harmonia.



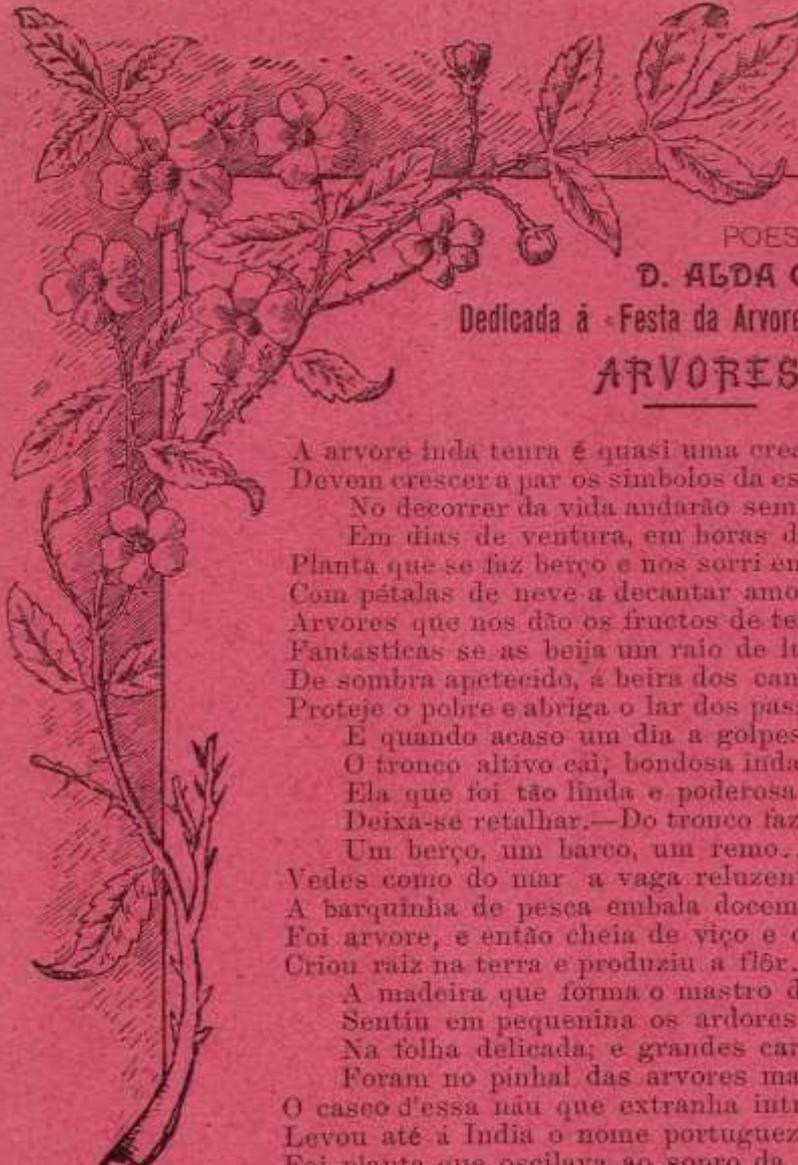
Casa **Alda Guerreiro** (fotografia: José Matias, 2002, CMSC).

9-3-913

POESIA DE
D. ALDA GUERREIRO

Dedicada à «Festa da Arvore» em Sines

ÁRVORES



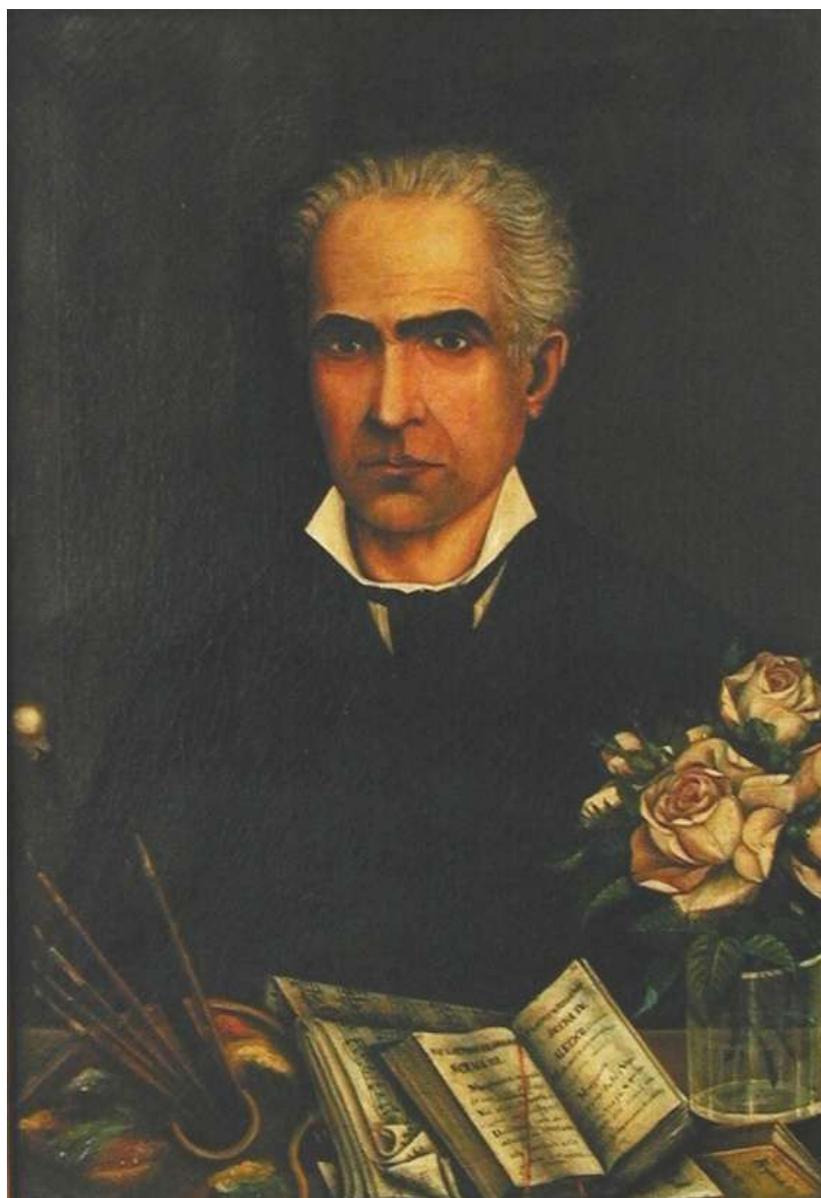
A arvore inda teura é quasi uma creança.
Devem crescer a par os simbolos da esp'rança!
No decorrer da vida andarão sempre unidas,
Em dias de ventura, em horas doloridas.
Planta que se faz berço e nos sorri em flores
Com pétalas de neve a decantar amores;
Arvores que nos dão os fructos de tentar,
Fantasticas se as beija um raio de luar,
De sombra apetecido, á beira dos caminhos,
Proteje o pobre e abriga o lar dos passarinhos.
E quando acaso um dia a golpes de machado
O tronco altivo cai, bondosa inda na morte,
Ela que foi tão linda e poderosa e forte,
Deixa-se retalhar.—Do tronco faz-se um leito,
Um berço, um barco, um remo...
Vedes como do mar a vaga reluzente,
A barquinha de pesca embala docemente?
Foi arvore, e então cheia de viço e côr,
Criou raiz na terra e produziu a flôr.
A madeira que forma o mastro do navio,
Sentiu em pequenina os ardores do estio
Na folha delicada; e grandes caravelas
Foram no pinhal das arvores mais belas!
O casco d'essa nau que extranha intrepidez
Levou até á India o nome portuguez,
Foi planta que oscilava ao sopro da nortada,
O audaz navegador á sombra da ramagem,
Sonhou talvez um dia a triumphal viagem!

.....
E arrulliam no arvoredado em bando as pombas mansas,
Na arvore que acalenta o sono das creanças!



arquivo

TIP. ROCHA, A VAPOR-VILA REAL DE S. ANTONIO



Autorretrato de Manuel do Espírito Santo Guerreiro, Séc. XIX. Coleção do pintor, Museu Municipal/CMSC, por doação da família Freire de Andrade.

AÇOUGUE

O pequeno edifício, que durante séculos serviu de açougue, situa-se na rua Dr. Manuel de Arriaga e foi mandado reconstruir em 1764, pago pelo concelho por ser uma obra de utilidade pública.

Em 1765, as obras estavam terminadas e o açougue a funcionar em pleno. O edifício voltou a sofrer obras em meados do séc. XIX e nele passou a vender-se apenas carne. Refira-se que, até aí, a carne era vendida com o peixe.



Açougue (fotografia: José Matias, 2007, CMSC)



Cartela sobre a porta do Açougue (fotografia: José Matias, 2001, CMSC)

SOCIEDADE HARMONIA DE SANTIAGO DO CACÉM

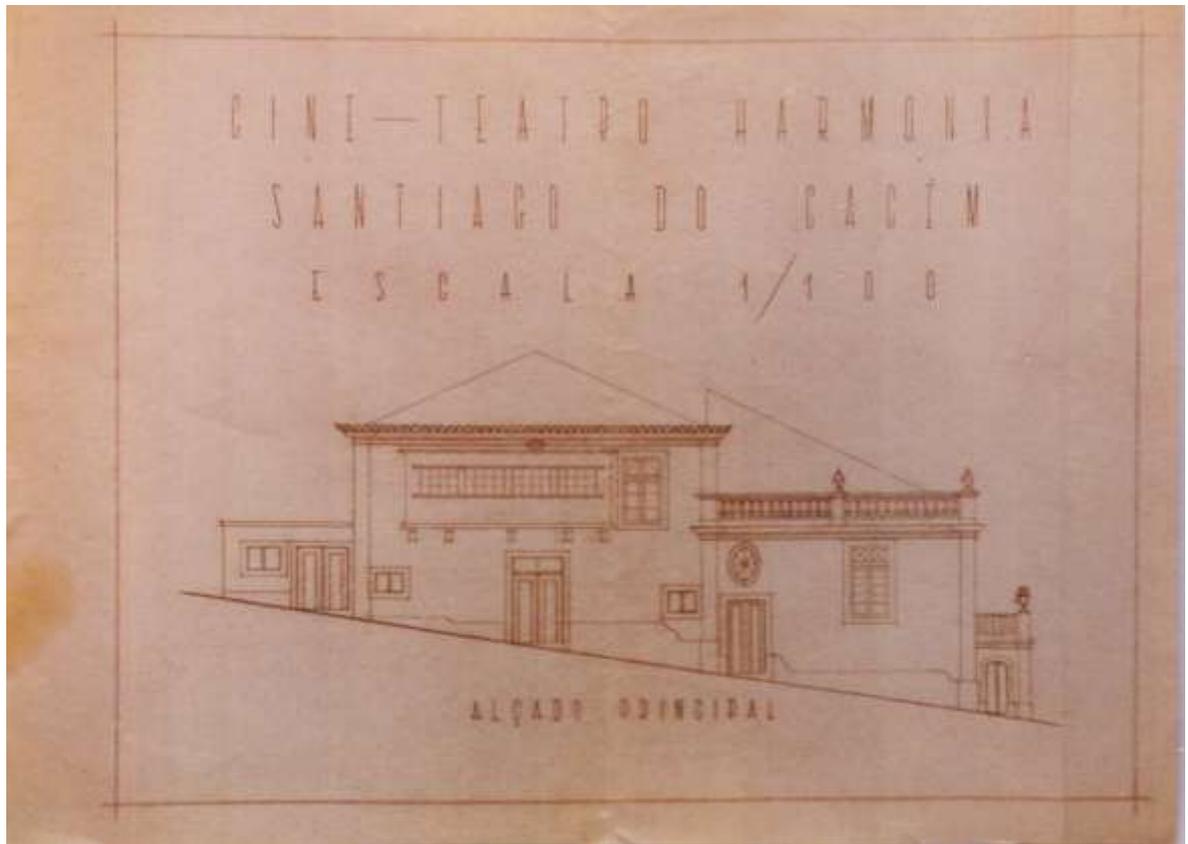
A Sociedade Harmonia de Santiago do Cacém foi fundada em 1847 e encontra-se instalada em sede própria desde finais do referido século, na rua a que deu o nome.

Este edifício secular foi descrito à época por Pinho Leal, no 9.º volume do *Portugal Antigo e Moderno*, como possuindo boas salas para bilhar e jogos de vaza, sala de leitura e de baile. Anexo ao edifício principal, encontra-se o cineteatro, inaugurado em 1875.

De acordo com os estatutos, esta sociedade recreativa e cultural tem como fim estreitar as relações de amizade e de convivência entre os sócios, através da promoção e realização de atividades do cariz a que se destina.



Edifício da Sociedade Harmonia (fotografia: José Matias, 2009, CMSC)



Planta do alçado principal do Cineteatro Harmonia, s.d. PT/AMSC/ASS/SH

HOSPÍCIO DOS TERCEIROS FRANCISCANOS

O edifício construído em 1750 pertencia à Ordem Terceira de S. Francisco. Neste edifício, funcionou uma casa de acolhimento de crianças órfãs, pobres ou abandonadas, à época denominada **hospício**.

Trata-se de um edifício composto por rés do chão e 1.º andar. No rés do chão, pode observar-se o portal, com lintel e cantarias com decorações setecentistas, e o óculo com uma pequena imagem policromada no seu interior.



Fachada principal do Hospício dos Terceiros Franciscanos
(fotografia: José Matias, 2002, CMSC)

EXPOSTOS E DESVALIDOS

| Numero do acta | Idade | Sexo | Estado civil | Qualidade da pessoa | Nome e cargo do genitor | Residencia | Profissao | Estado actual | Observações |
|----------------|-------|-----------|--------------|---------------------|-------------------------|------------|-----------|---------------|-------------|
| 1 | 21 | Masculino | solteiro | alhe | Francisco da Silva | Alentejo | Alentejo | Alentejo | |
| 2 | 22 | Femina | casada | alhe | Francisco da Silva | Alentejo | Alentejo | Alentejo | |
| 3 | 23 | Masculino | solteiro | alhe | Francisco da Silva | Alentejo | Alentejo | Alentejo | |
| 4 | 24 | Femina | casada | alhe | Francisco da Silva | Alentejo | Alentejo | Alentejo | |
| 5 | 25 | Masculino | solteiro | alhe | Francisco da Silva | Alentejo | Alentejo | Alentejo | |

Registo de Expostos e Desvalidos no Hospício de Santiago do Cacém, 1872. PT/AMSC/AL/CMSC/E/E-A/003



Pormenor de painel de azulejos no interior do Hospício (fotografia: José Matias, 2002, CMSC)

CASAS DA CÂMARA – ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

O edifício dos antigos Paços do Concelho situa-se na atual Praça Conde do Bracial e foi construído em 1781, por ordem da rainha D. Maria I. Neste edifício, funcionaram, até finais do século XIX, os serviços municipais, o tribunal e a cadeia.

O terramoto de 11 de novembro de 1858 provocou alguns estragos nas ditas casas da câmara, que foram alvo de uma remodelação entre 1859 e 1866. Porém, o edifício rapidamente deixou de apresentar condições para os fins a que se destinava, obrigando à construção do edifício onde está instalada, desde 1900, a Câmara Municipal.



Fachada principal das Casas da Câmara - Antigos Paços do Concelho (fotografia: José Matias, 2006, CMSC)

alcâmara para esta, depois extraordinária afim de se moni-
nar, para memoria, o grande tremor de terra que teve lugar
no dia emue do corrente, e narrar todas as consequências,
que elle produziu neste Conselho. A camara approvou a
idia apresentando e papou a narraçãe dos factos pela ma-
neira seguinte: —

Na Villa M. de Novembro do anno corrente 1853, tendo pre-
cidi copiosas chuvas, irão sete horas e vinte minutos da ma-
nhã, estando a atmosphera carregada e sombria, não
caindo entãe chuva, pouco vento, movendo levemente as nei-
nhos da Comcaada, sentio se um grande tremor de terra,
cuja duracãe se calculou de 25 a 30 segundos. A maior
parte dos habitantes desta Villa estavam em suas camas,
uns immovis, obrios de susto e terror esperavãe, pela gran-
de oscilacãe, ficarem sepultados nas ruinas; outros le-
vantando se rapidamente de seus leitos tal qual como
ali estavam buscarãe anciosamente asua familia dispersa
pela habitacãe e esperavãe pintos e ultimo momento de
suas vidas; e outros sahindo de suas camas com seus fethinhos
nos braços, pela forma como se achavam ainda repen-
tando em suas camas com voz de clamor e de socorro
dirigidas ao Altissimo. finalmente tudo era confu-
são, terror e lagrimas e recio de recolherem depois a suas
habitacães, e que se fiverãe obrigados pelo terrivel tem-
poral do vento e copiosas chuvas que se seguirãe e que
pôr termo aos projectos d'abarracarem todas no cam-
po fira da provocacãe. Fica apantado o terrivel qua-
dro que no quelle momento e depois apresentou a
provocacãe, mas não fica verdadeiramente desenhado

por que a confusão era geral e as faculdades intellectuaes,
de todos, pareciam enorganhadas. Nesta villa os estragos
nao foram fataes, nao houveram victimas, graças a Deus,
com tudo nao houve um edificio que nao ficasse preju-
dicado, uns, bastante arruinados, carecendo de preem-
ptos concertos, e outros, menos, havendo tambem alguns,
offerendo perigo a segurança publica, no que a
Autoridade ^{Adm.} tem andado vigilante; e o perigo das
suas ruindas cahio numa Chamimé que por muita
prezeca nao são victimas, algumas pessoas, causando
perem estragos na casa d'um vizinho. Todas as Tem-
plas desta Villa sem excepção ficaram arruinadas, sen-
do a Igreja das Almas, a que parece mais perigosa.
As casas da camara com quanto soffrem, nao so-
rao consideraveis, e os seus estragos. A Torre do Relogio
publico de fundação secular, obra solidamente construida
abriu uma brecha nos arcos, por em que se julga perig-
oso e amina que soffreu a cupula construida de pedra
e cal, de quatro faces, fechada em ponta aguda, por ter
saxado e fido a variga para alato de dentes. Mandan-
do a camara os competentes peritos examinar a Torre
julgarão este necessario precluzir-se a ser repara.
O Hospital da Santa casa da Misericordia tambem
soffreu ruina, nao perigosa. Os effeitos desta terrivel
cathastropho ficaram sentos se um maior grau, ainda du-
rante a oscillação, no sitio dos Catalares, ficando desse-
loge algumas casas no chão, e outras quasi neste estado,
com especialidade as casas ^{altas} da Quinta de São João,
nao deixando tambem de soffrem as casas altas da
Quinta chamada o Semar Grande de M^o Sr. Visconde

Excerto da ata da Câmara Municipal que descreve os estragos provocados pelo sismo de 11 de novembro de 1858. PT/AMSC/AL/CMSC/B-C/002/72

N.º 26
Ao Governo de Sua Magestade

Senhor = A Camara m.^l do Concelho de S. Thiago de Cacem, carecendo de levantar um edificio para estabelecer as seguintes repartições publicas, - a administração do Concelho - a repartição de Fazenda - e as aulas d'Instrução primaria dos dois sexos, deu principio a obra ha dois annos e pela falta de recursos apenas podesse conseguir a demolição d'um casarão velho, em cujo sítio pretende edificar. Reunio-se em sessão como Conselho Municipal para determinar, d'accordo, sobre o melhor meio de sair d'este estado financeiro. O serviço publico reclama a urgencia da obra. As duas primeiras repartições estão collocadas em uma pessima casa sem acomodações aonde ninguém pôde trabalhar, e da qual a Camara paga renda. Como melhor arbitrio, decidiu a Camara e Conselho municipal que, sendo a obra orçada em 40,000,000 reis, se proceda a ella com os fundos existentes, para pagamento das Terras e das Contribuições para a Universidade de Coimbra, cuja divida, até 31 de Dezembro de 1860, monta a 2:655,700 reis, alcançando previamente a faculdade de pagar a mesma divida em 10 annos. Ide por tanto esta Camara a V. Magestade a J.ºca de V.ºe conceder uma mercatoria por 10 annos para em prestações annuaes ir pagando aquella divida, applicando os respectivos fundos na construção do edificio que tão necessario se torna, como fica demonstrado, poupando assim o pesado sacrificio de lançar uma derrama extraordinaria sobre a que annualmente se lança, nimiamente pesada, para os despezas ordinarias; e sanando as difficuldades que continuariam a embargar por muitos annos a collocação das repartições publicas com a precisa commodidade e accio.

S. Thiago de Cacem 15 de Agosto de 1861. (Assignada a Camara

Representação da Câmara Municipal de Santiago do Cacém ao Governo de Sua Magestade, na qual são referidos alguns problemas com a construção do edifício para albergar as seguintes repartições públicas: Administração do Concelho, Repartição de Fazenda e Aulas da Instrução Primária dos dois sexos, 1861. PT/AMSC/AL/CMSC/G-A/013/1148



Pormenor de um fresco no interior do edifício dos Antigos Paços do Concelho (fotografia: José Matias, 2003, CMSC)

IGREJA E HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO

O conjunto arquitetónico – Igreja e Hospital do Espírito Santo – está situado na atual Praça Conde Bracial e foi construído na Idade Média. Estes edifícios foram muito modificados nos séculos XVIII e XIX, devido à sua reconstrução pós-terramoto de 1755 e à perda das suas funções originais.



Fachada da Igreja e Hospital do Espírito Santo (fotografia: Rui Fragoso, 2010, CMSC)

ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO E AULA DE INSTRUÇÃO PRIMÁRIA FEMININA

Situado na Praça Conde Bracial, o edifício de influência neoclássica tardia foi construído entre finais de 1861 e 1863. Destinava-se a albergar a administração do concelho, a repartição da fazenda, a repartição de afilamentos e a aula de instrução feminina e a residência da respetiva mestra.



Administração do Concelho e Aula de Instrução Primária Feminina (fotografia: José Matias, 2006, CMSC)



Pormenor do Brasão da CMSC sobre a porta da Administração do Concelho (fotografia: José Matias, 2006, CMSC)

PELOURINHO

O atual Pelourinho foi reconstruído em 1845 e substituiu o chamado pelourinho joanino, datado do séc. XVIII.

O pelourinho joanino foi mandado edificar em 1732, porque o pelourinho original (manuelino?) estava derrubado e com as pedras todas quebradas. Na sua edificação, foi utilizada uma coluna de pedra proveniente de Miróbriga.



Pelourinho (fotografia: José Matias, 2010, CMSC)

50

Do Código Administrativo, procedendo as formalidades
do artigo 158 e 159 do mesmo Código. E em Joaquim
Diogo da Silva e Santos Escrivão da Câmara a seguir

E logo o dito Presidente da Câmara passou a expor que
visto ter se demolido o Pelourinho por causa das obras
que se fizeram no Hospital, ao qual elle estava próximo,
se devia tratar de o fazer erigir, visto que serve de fecho
conhecido que esta Villa é cabeça de Concelho: e como a
pedra principal não só era de muyto pequena dimen-
são, mas também ficou muyto estragada na demolição
de tal forma que se não pode collocar como d'antes
estava, por lhe arrebitar uma grande talhada per-
dendo mais de metade da base em corte obliquo pe-
lo fuste na extensão de mais de duas palmos, era in-
dispensavel mandar fazer uma pedra nova da cantaria
das pedreiras do Concelho: o que todos approvaram,
afim como que depois se collocar no centro da Pra-
ça, que é onde nunca pode estorvar o transitto. E todos
apignaram. Joaquim Diogo da Silva e Santos Escri-
vão da Câmara o escrevi.

Joaquim Salazar Quatros d. Alvariz
Joaquim Diogo da Silva e Santos Escrivão
Roberto Antonio Fátima da Silva
João Veríssimo da Game

Ata da Câmara Municipal em que deliberou mandar fazer uma pedra em cantaria das pedreiras do concelho para ser colocada no centro da Praça, a fim de se erigir o Pelourinho, 1844.
PT/AMSC/AL/CMSC/B-C/002/70



Coluna em pedra pertencente ao Pelourinho joanino (fotografia: José Matias, 2008, CMSC)

IGREJA DA MISERICÓRDIA

A maioria dos autores data a Igreja da Misericórdia entre os finais do séc. XV e o princípio do séc. XVI. No séc. XVII, o templo foi reedificado, sendo à época provedor Cristóvão de Brito Varela. O templo sofreu ainda mais duas intervenções, uma após o terramoto de 1755, outra depois do incêndio de 1895.

A Igreja apresenta um alto portal e janelão barroco, onde foi colocada uma cruz de trevo e um medalhão, em forma de coração, com as cinco chagas de Cristo, a par de uma larga escadaria com vários fragmentos de lápides sepulcrais integradas entre o piso dos degraus.

No interior, encontram-se vários elementos arquitetónicos de interesse, de entre os quais salientamos o retábulo da capela-mor, onde predominam nichos, marmoreados, imagens de santos e símbolos da iconografia cristã.



Fachada da Igreja da Misericórdia (fotografia: José Matias, 2002, CMSC)

PALÁCIO DOS CONDES DE AVILEZ



Palácio dos Condes de Avilez (fotografia: José Matias, 2007, CMSC)

O palácio data da segunda metade do século XIX e terá sido mandado construir pelo segundo conde, Jorge de Avilez Jusarte de Sousa Tavares ou por seu filho Jorge de Avilez Salema Jusarte. Trata-se de um enorme edifício de inspiração clássica, em cuja frontaria se podem observar a pedra de armas dos Condes de Avilez.

Na tapada, situada entre as traseiras do palácio e a barbacã, podemos encontrar o pequeno *challet*, mandado construir nos anos 20 ou 30 do séc. XX por Jorge Ribeiro de Sousa, afilhado e herdeiro de D. Carolina de Sousa Feio, condessa de Avilez; a estufa, certamente construída no seguimento do *challet*; e a capela particular de gosto barroco e classicizante, mandada construir por D. Carolina de Sousa Feio, Condessa de Avilez. A par destas construções, encontra-se também na

tapada a sepultura do *Bem-Mirado*, o cavalo preferido dos condes.

O palácio alberga atualmente serviços da Câmara Municipal.



Capela do Palácio dos Condes de Avilez
(fotógrafo desconhecido, s.d., CMSC)



Automóvel Panhard et Levasson, *in Automóveis Antigos em Portugal*, 1990.

IGREJA MATRIZ

A Igreja Matriz foi, muito provavelmente, mandada erigir pelos cavaleiros da Ordem de Santiago (1218-1234).

Ao longo dos séculos, o templo sofreu várias obras de beneficiação, tendo as primeiras sido custeadas por D. Vetácia Lascaris (séc. XIV). No séc. XVI, recebeu a campanha de obras de Alonso Peres Pantoja e, após o terramoto de 1755, foi ampliado.

Nesta igreja, podemos observar o alto-relevo de *Santiago Combatendo os Mouros*, peça escultórica de grande importância na arte portuguesa medieval.



Igreja Matriz de Santiago do Cacém
(fotografia: José Matias, 2004, CMSC)



Igreja Matriz de Santiago do Cacém. Postal ilustrado,
ed. Côrte-Real e Irmão (fotógrafo desconhecido, sd.).
Reprodução de imagem cedida pelo Sr. António do Carmo.

MOINHO DA QUINTINHA

Em novembro de 1968, a Câmara Municipal, constatando o abandono dos moinhos de vento que caracterizavam a Cumeada de Santiago do Cacém, deliberou adquirir um deles, por se encontrar à venda.

No Moinho da Quintinha, quando o tempo o permite, podemos observar o processo de moagem feito pelo moleiro.



Moinhos das Cumeadas (fotógrafo desconhecido, anos 50 do Séc. XX, CMSC)



Moinho da Quintinha (fotografia: José Matias, s.d., CMSC)

Aquisição de um moinho no lugar das Cumeadas pertencente a Palmira dos Anjos Ikheú - Informou o Senhor Presidente que se tem vindo a verificar-se últimamente um quase completo abandono dos moinhos de vento que se situam nos subúrbios desta vila, fenómeno que, aliás, parece ter-se generalizado por todo o País. Embora existam já organizações que pretendem aumentar o interesse pela conservação de tão típicas construções, facto é que, nesta vila, não foram tomadas quaisquer medidas nesse sentido. Assim, constatando que se encontra à venda um moinho sito no lugar das Cumeadas, subúrbios desta vila, pertencente a Palmira dos Anjos Ikheú e atendendo ao elevado interesse do imóvel não só pelas razões já apontadas, como ainda pelo seu valor turístico ou pela utilização que possa vir a ter, para o Município, propôs o Senhor Presidente que se encarasse a hipótese da aquisição, para o património municipal, do referido moinho bem como do terreno que lhe se anexa. A Câmara, concordando com as razões apontadas deliberou, por unanimidade, dar ao Senhor Presidente os poderes necessários para em nome e representação do Município negociar a aquisição do citado imóvel e intervir em todos os actos e contratos que for necessário elaborar.

Subsídios à Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém e Comissão

Excerto da ata Câmara Municipal em que se deliberou a aquisição de um moinho, sito nas Cumeadas, 1968. PT/AMSC/AL/CMSC/B-C/002/141

RUÍNAS DE MIRÓBRIGA

Localizadas nas proximidades da cidade de Santiago do Cacém, as Ruínas Romanas de Miróbriga foram referenciadas desde o século XVI e foram classificadas como imóvel de interesse público em 1940.

O complexo arqueológico de Miróbriga está implementado numa zona profícua em recursos agrícolas, minerais e mineiros, o que lhe terá conferido importantes funções comerciais e permitido controlar um vasto território.

Miróbriga foi habitado desde, pelo menos, a Idade do Ferro até ao século IV d.C. As suas habitações desenvolviam-se ao longo das calçadas e possuíam compartimentos decorados a fresco. Circundando o fórum, desenvolve-se toda uma zona constituída por diversas construções como a cúria, a basílica e umas termas. O hipódromo dista cerca de 1 km em linha reta do aglomerado urbano, dada a grande afluência de público aos espetáculos e por outras razões de ordem prática.



Termas de Miróbriga (fotografia: Policarpo Godinho, 1957).
PT/AMSC/FF/PG/C-C/003

A condução das atividades em contexto de sala de aula fica a cargo do(a) professor(a), podendo este (a) trabalhar o dossiê da forma que considerar mais adequada; no entanto, tomamos a liberdade de apresentar algumas sugestões para exploração do tema, com vista ao debate e à reflexão.

1.ª Atividade

Após a introdução do tema, o (a) professor(a) divide os alunos em grupos que vão estudar os documentos e extrair informações pertinentes.

IMAGENS

IDENTIFICAÇÃO:

- Ano, mês, dia
- Local
- Autor

DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO:

- Original, fotocópia, digitalização
- Dimensões (em cm)
- Cores ou preto e branco
- Suporte (papel, cartão)

DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO:

- Título
- Tema
- Tipo de edificação (casa, prédio, edifício público, termas romanas, hipódromo, etc.)
- Explicação do edifício (possui 1 ou mais pisos, é revestido de azulejos, está pintado ou caiado, situa-se numa rua de terra batida, asfaltada, calcetada etc.).

DOCUMENTO ESCRITO

- Data do documento (local, ano, mês, dia)
- Tipo de documento (carta, ata, diário, registo, planta)
- Manuscrito ou datilografado
- Finalidade do documento
- Breve síntese do seu conteúdo

2.ª Atividade

Depois de trabalhar a documentação, o (a) professor(a) e os alunos podem ordenar os edifícios cronologicamente, de modo que as crianças percebam que a história é um processo evolutivo.

3.ª Atividade

O aluno pode efetuar a sua própria pesquisa sobre o tema através da internet e da consulta de bibliografia na biblioteca.

4.ª Atividade

O estudo da maleta pode terminar com uma visita guiada ao centro histórico da cidade de Santiago do Cacém.

Neste caso, os alunos deverão munir-se de:

- bloco de notas,
- calçado confortável,
- chapéu,
- água.

CESÁRIO, Gentil José e GOMES, Luísa – **Açúcar, Pimenta e Canela – Retrato de Santiago do Cacém ao Tempo do Foral Manuelino**. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2010.

SOBRAL, Carlos e MATIAS, José – **Património Edificado de Santiago do Cacém – Breve Inventário**. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2001.

SOBRAL, Carlos e GUERREIRO, Donabela – **A Patrimónia – História com Histórias em Santiago**. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém, [2005].